



Fundado no Sesquicentenário da
Batalha do Seival

O GAÚCHO

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DO
INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL

20 anos do IHTRGS

Ano 2006

Nr 34

O IHTRGS, através deste órgão de divulgação, ultrapassa as fronteiras do Rio G. do Sul para, em preito de gratidão e respeito aos gaúchos Gen Emílio Garrastazú Médici e Cel Walter Kluge Guimarães, transcrever o trabalho deste, o Cel Guimarães, sobre a participação da AMAN nos fatos de 31 de março e 01 de abril de 1964 no eixo da Via Dutra. O testemunho do Cel Guimarães não é um simples registro, mas um chamamento aos defensores da Pátria e um retorno espiritual aos umbrais da vetusta AMAN, berço da nossa formação. As palavras do então Gen Bda Emílio Garrastazú Médici, proferidas há mais de 40 anos, ainda hoje fazem eco nas nossas consciências, mesmo naqueles que não participaram dos referidos acontecimentos.

- Não o esqueçamos! -

APRESENTAÇÃO

Este é um relato sucinto narrado pelo então Capitão Walter Kluge Guimarães, Instrutor do Curso de Cavalaria, focalizando, apenas, as 24 horas vividas pelo Curso de Cavalaria da Academia Militar das Agulhas Negras na Revolução de 1964.

Quer o narrador, mesmo com falhas possíveis resultantes de esquecimento, pelo tempo passado, prestar um tributo de admiração, AQUELES que viveram com ele este dia.

São fatos narrados: a emoção vivida desde o recebimento da missão pelo Instrutor Chefe do Curso de Cavalaria e Comandante do GT (Grupamento Tático), então Major Ernani Jorge Corrêa e seus comandados; o particular entusiasmo ao



cumprir a missão de reconhecimento — importante missão da arma — que lhes foi ensinada e que assinala o desdobramento da vanguarda; a delicada situação vivida pela patrulha de ponta quando do primeiro contato com as forças oponentes; a ocupação da posição defensiva; as dificuldades inerentes ao terreno e a ausência de meios de comunicações, obrigando-lhes ao uso de viaturas civis em trânsito como meio de informação; a organização da posição defensiva, utilizando meios da Construtora Camargo Corrêa, como forma de bloqueio; o cair da noite e a tensão de combate; a substituição do Grupamento de Cadetes, prevista por forças regulares e que não foi feita;

24 horas em posição e saída da posição no dia seguinte, desgaste do combatente; e retorno à Academia.

HOMENAGEM

ÀQUELES que, no Vale do Rio Paraíba, deram contribuição decisiva à Revolução de 1964, para a sua vitória.

SUMÁRIO

01	O entardecer, a noite do dia 31 e a decisão de empregar a Academia.....	2
02	Constituição do Grupamento Tático (GT): missão, comando e emoções.....	3
03	Início do cumprimento da missão: desdobramento da vanguarda.....	4
	Proclamação do Comando da Academia.....	4
	Primeiras situações - O jogo da verdade.....	5
04	Primeiro contato com a força oponente.....	6
	Ocupação da posição defensiva.....	6
	Dificuldades na instalação e operação da posição defensiva.....	6
05	Proclamação às Escolas Naval e da Aeronáutica.....	7
06	Acolhimento da bateria oponente que passa ao nosso lado.....	7
07	Chegada do Gen ÂNCORA à posição, para conferenciar com o Gen KRUEL.....	8
08	Fatos marcantes da situação defensiva.....	9
09	Retorno à Academia.....	9
10	Posfácio.....	9

O ENTARDECER, A NOITE DO DIA 31 E A DECISÃO DE EMPREGAR A ACADEMIA

Ao final do dia 31 de março de 1964 realizava-se, na Catedral de Resende, a cerimônia de casamento do Ten Flávio Acauan Souto com a Srta Joana Mara Junqueira, local onde se encontravam, em 1º uniforme, expressiva leva de Oficiais, seus amigos.

Concluída a cerimônia religiosa nos deslocamos da Igreja para a sede do CIMAN (Círculo Militar das Agulhas Negras) para a recepção e cumprimentos.

Não chegamos a saborear o bolo de noivado, eis que as notícias veiculadas pelo rádio, avolumaram-se. Quando chegamos ao Círculo Militar informavam que tropas do Exército de Minas Gerais deslocavam-se em direção ao Rio de Janeiro, dizendo assim, que a Revolução estava começada. Incontinenti foi determinado que nos recolhessemos à Academia, ainda em primeiro uniforme, como nos encontrávamos.

Gestões eram feitas acerca da posição a ser tomada pela Academia com relação a revolução. Havia uma grande tensão, particularmente entre os seus Oficiais.

Cerca de 2300 horas encontrava-me na ante-sala do Corpo de Cadetes onde, em sala contígua, estavam o General Médici, o Cel Antônio Jorge Corrêa e o Cel Moacyr Barcellos Potyguara, quando tocou o telefone. Era o General Amaury Krueel, Cmt do II Exército, desejando falar com o Gen Médici, Comandante da Academia. Do telefonema: "Solicitava o General Amaury, após ter informado que aderira à revolução, o concurso de tropas da Academia para garantir a passagem de suas forças no desfiladeiro de Queluz".

Informa então o Gen Médici que suas tropas regulares, no caso o Batalhão de Comando e Serviços, estava todo empregado na manutenção da ordem em Resende, foco de domínio político do então Governador Badger da Silveira, político militante do PTS. Comprometeu-se, contudo, com o Gen Amaury em assegurar a passagem de suas forças por Resende.

Ao encerrar o seu contato telefônico, virando-se para os Oficiais presentes, assim se expressa o Gen Médici, com a fisionomia visivelmente empalidecida: **“Acabo de me definir com o Gen Amaury — vou empregar a Academia”**.

CONSTITUIÇÃO DO GRUPAMENTO TÁTICO (GT), MISSÃO, COMANDO, EMOÇÕES

Ato contínuo, o Gen Médici acompanhado do Cel Antônio Jorge Corrêa (Sub-Comandante da Academia) e do Cel Moacyr Barcellos Potyguara (Cmt do Corpo de Cadetes) encaminharam-se para o Gabinete de Comando para planejar o emprego da Academia.

Foi então constituído um Grupamento Tático Operacional (GT) com os Cursos de Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia e Comunicações para, em operações ao longo do Vale do Rio Paraíba, se oporem às tropas que, do Rio de Janeiro, demandavam ao Sul.

Início de cumprimento de missão: 0600 horas de 01 de abril. PI — Portão da Academia.

Decidido o emprego da Academia, cerca das 2400 horas desloquei-me para minha residência para trocar o 1º uniforme pelo uniforme de campanha. Ao chegar em minha casa notei que as luzes, não só da minha como também aquelas de casas vizinhas, estavam acesas. A tensão das famílias era grande em face do noticiário radiofônico.

Já em uniforme de instrução minha esposa perguntou-me onde iria; respondi-lhe que sairia em patrulha pela cidade de Resende e imediações. Ao entrar no quarto para arrumar-me encarei meus filhos menores que dormiam e, logo a seguir dirigi-me ao Jeep que me levaria de volta à Academia. Adentrando no Jeep não olhei para trás, para não sucumbir à emoção. Foi nessa ocasião que me perguntei: Valerá a pena defrontar-me com tropas regulares da Vila Militar, então superiores em equipamento e armamento? A resposta veio imediatamente - SIM - o que vou combater são tropas que, a mando superior, defendem a idéia de impor um regime alheio a formação cristã e democrática do povo brasileiro - o Comunismo. Lutarei para preservar o País Cristão de meus filhos impedindo a sua comunização - com o risco da própria vida.

De regresso à Academia, cerca de 24 horas e 30 minutos, recebi a missão do Instrutor Chefe do Curso de Cavalaria, Major Ernani Jorge Corrêa, de ir à Ala (alojamento) acordar os Cadetes, uniformizá-los e conduzi-los para o Parque do Curso.

Em chegando ao Parque os Cadetes foram armados e equipados e o Curso constituído como vanguarda do GT (Grupamento Tático), sob meu comando.

O Major Ernani assume o comando do GT. Ao distribuir os Cadetes pelas viaturas disponíveis verificou-se que o seu número era insuficiente para transportá-los. Todos queriam participar. Foi difícil convencê-los que iriam em um segundo escalão.

A seguir, o Cel Antônio Jorge Corrêa, tomando por PC (Posto de Comando) uma mesa de concreto, em frente ao último pavilhão de baias do Curso de Cavalaria, deu a missão ao Comandante do GT Operacional.

Sobre uma das cartas do Vale do Paraíba que mostrava a região de Barra Mansa colocou o seu pingalim dizendo: “aqui o Senhor, com o seu GT, vai barrar as tropas que vem do Rio”.

Dada a disparidade das possíveis forças beligerantes perguntou-lhe o Cmt do GT: “mas é para barrar mesmo?” Tendo-lhe então sido respondido: “infelizmente, meu irmão, é para barrar mesmo; utilizarás todos os meios que estiverem ao seu alcance para tanto”.

A seguir, foram ultimados os dados da ordem e fixado como início de cumprimento da missão a passagem no PI - Portão Monumental da Academia - às 0630 horas de 01 de abril.

INÍCIO DO CUMPRIMENTO DA MISSÃO, DESDOBRAMENTO DA VANGUARDA

Assumi o Comando da Vanguarda do GT para as operações e, após haver abastecido as viaturas com o pouco de gasolina que restava na Academia, cruzei o PI no horário previsto. Consta que as viaturas que integravam o restante do GT, em razão da falta de combustível, abasteceram-se nos postos civis de Resende, usando o sistema de requisição.

Transposto o PI, e quando alcançava o bairro Paraíso, desdobrei a Vanguarda em dois escalões:

- um de Reconhecimento, para localizar a posição das tropas vindas do Rio, e
- outro, de apoio ao Escalão de Reconhecimento.

Assim demos início às operações no Vale do Paraíba, com vistas a atingir, como primeiro objetivo, a região de Barra Mansa.

PROCLAMAÇÃO DO COMANDO DA ACADEMIA

Iniciado o movimento ao longo do Vale do Paraíba foi, pelos meios de comunicação disponíveis, lançada a proclamação do Comando da Academia, do seguinte teor:

Irmãos em Armas! Porque a AMAN empunhou armas em defesa da democracia.

Aqui estão os Cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras, mãe comum dos dignos oficiais do Exército Brasileiro e forjadora dos caracteres ilibados dos militares que hoje, por motivos conhecidos, estão por se defrontar.

A AMAN, ao adotar a atitude que tomou e que nossa presença aqui materializa, pensou principalmente na validade eterna dos princípios de disciplina e hierarquia que tem sido o apanágio glorioso de nossas Forças Armadas. Aqui está a mocidade militar do Brasil, representada por jovens possuídos dos mais alcantilados sentimentos de patriotismo e apego ao dever, não para agredir a seus irmãos de armas, nem para deixar-se sacrificar, mas sim para salvaguardar os princípios que regem a profissão que escolheram por vocação irresistível e, se necessário, dignificar a farda que vestimos, através de atos de que falará no futuro, com respeito e admiração, a História de nossa estremecida Pátria.

No momento em que persiste o extremo perigo de, neste vale de tão alto significado para a vida nacional, enfrentarem-se e matarem-se irmãos, que no fundo cultuam os mesmos ideais e perseguem os mesmos objetivos, nossa atitude significa também a tentativa patriótica de tentar evitar o desperdício de energias que, talvez, venham a ser necessárias à defesa de nossos lares e das tradições que tem marcado a nossa existência.

Irmãos de nascimento, de fé patriótica e de ideal: refleti bem antes de, pela violência, tentar abater o ânimo sacrossanto que para aqui nos conduziu. A Academia, por seus Cadetes e seus Orientadores diretos, aqui está disposta a cumprir, na íntegra, tudo quanto nos tem sido ensinado como sagrado e proveitoso para a Pátria. Não tenteis cortar sem maior ponderação tantas vocações capazes de gerar, para a condução dos destinos do Brasil, os Chefes de que carece a grande nação a que todos, com orgulho, pertencemos.

Militares do Exército Brasileiro: que não seja esta a via dolorosa para vossas consciências e para a herança de vossos descendentes.

Unidos teremos todos a gratidão da Pátria: se nos desaviermos, por certo o Brasil um dia nos condenará como autênticos dilapidadores do poder energético que tantos sacrifícios custaram a nossos antepassados.

Irmãos: que a Bandeira Brasileira, que tremula altaneira nos nossos mastros e reflete os sentimentos cristãos de nossos corações, nos cubra a todos e inspire nossas ações neste momento grave de nossas vidas tão úteis e necessárias à grandeza do nosso querido Brasil.

PRIMEIRAS SITUAÇÕES – O JOGO DA VERDADE

Ao atingirmos a localidade de Ribeirão da Divisa, região assinalada por grandes depósitos de enxofre, a céu aberto, e sede de uma indústria de fabricação de oxigênio engarrafado, a patrulha de ponta interceptou uma viatura militar (Jeep) conduzindo um Oficial Veterinário portador de uma mensagem do Comandante do 7º BIB ao Comandante do Destacamento e desejando deste um contato telefônico com aquele. Tendo cerrado à frente o Cmt do GT determinou um alto curto enquanto se deslocava para o interior da indústria para o contato telefônico. Como os empregados da indústria encontravam-se a frente do prédio, temi que o Maj Ernani pudesse ser aprisionado. Perguntei-lhe então como proceder se ele fosse aprisionado. Respondeu-me que deveria prosseguir no cumprimento da missão. Estabelecemos então um prazo máximo de 10 minutos para o seu retorno. Obviamente que não deixaria - sem resgatá-lo - ao término do prazo se ocorresse a prisão.

Decorridos 11 (onze) minutos estava o Maj Ernani de retorno, relatando o que o Cmt do 7º BIB lhe dissera: “que diferentemente do que estava previsto, sua unidade não estava operando na Via Dutra tamponando o eixo de modo a retardar o deslocamento das tropas do Rio, visto que sua unidade fora empregada na proteção e na segurança da Usina de Volta Redonda, ameaçada de ser atacada e incendiada”.

Por ocasião desta pequena parada, reunido o Curso de Cavalaria, aproveitei para esclarecer o Curso de nossa missão. Lembrei-lhes, inicialmente que, por ocasião de uma

sessão de instrução na Academia sobre Hierarquia e Disciplina, deixei de responder a uma pergunta: “se achava de bom tom as reuniões do Presidente da República com os sargentos no Automóvel Club do Brasil como prova de quebra de hierarquia?”.

Evitávamos na ocasião, quando em instrução, comentários sobre a situação política. Que hoje ali nos encontrávamos para dar uma resposta, em combate se preciso, a procedimentos como aquele, que atentavam os princípios de organização, respeito e harmonia das Forças Armadas.

Logo a seguir, um dos Cadetes perguntou-me que forças enfrentaríamos no prosseguimento. Pelas informações disponíveis, respondi-lhe **verdadeiramente** que seriam tropas do Grupamento de Unidades-Escola do Exército, bem equipadas e armadas. Prossegui dizendo: “que ao acordá-los, e a seguir trazê-los para o cumprimento de uma missão não tendo especificado do que se tratava, nem tão pouco contra quem, como agora o faço, pergunto-lhes: - “se alguém não estiver disposto para prosseguir providenciarei sua evacuação para a Academia”. Não houve manifestação de desistência, todos se mostraram dispostos para o prosseguimento.

PRIMEIRO CONTATO COM A FORÇA Oponente

Recomeçamos a marcha de aproximação com o desdobramento inicial – Escalão de Reconhecimento e Escalão de Apoio ao reconhecimento.

Transposta a cidade de Barra Mansa e, logo a seguir, ao alcançar uma elevação (possivelmente altura do km 112), decidiu o Ten Mendonça, acompanhado do Cadete Tito, observar o terreno a jusante da linha de elevações, para complementar a observação da patrulha. Abandonando o Jeep no corte do terreno, galgaram a elevação para uma melhor vista do terreno. Neste momento, elevaram-se de posições já ocupadas no terreno, um Aspirante a Oficial e um sargento que os imobilizaram com suas metralhadoras .45. Decorridos instantes, sem uma palavra das partes, o primeiro a falar foi o Aspirante a Oficial que assim se expressou: “Tenente, o Sr. dentro de nossas linhas?”. Recuperando a iniciativa assim falou o Ten. Mendonça: “quem está comandando esta posição?” ao que redargüiu o Aspirante: “o Major ...”, “então chame o Major para parlamentar”, retrucou o Ten Mendonça. Ao virar as costas o Aspirante, para chamar o Major, disse o Ten Mendonça ao Cadete Tito: “vamos embora”. Ato contínuo, dirigiram-se à viatura, deixando sem iniciativa o sargento, e voltaram para junto do Escalão de Reconhecimento informando sobre a localização avançada das tropas do Rio.

OCUPAÇÃO DA POSIÇÃO DEFENSIVA

Informado ao Comandante do Grupamento Tático, foi decidido instalar o Curso de Cavalaria em posição defensiva avançada, com a missão de retardar as forças oponentes nas linhas de alturas que cobriam pelo sul as instalações da Usina Barbará, fabricação de canos de ferro fundido sem costura.

O limite esquerdo da posição assentava-se na elevação próxima ao canteiro de obras e depósito de máquinas da firma Camargo Corrêa e o seu limite direito no início da antiga estrada Rio — São Paulo que demandava a fábrica de caldeiras a vapor Babcock..

À frente da posição, sobre a BR Rio – São Paulo, estendia-se a ponte de concreto transversa que levava à cidade de Barra Mansa.

DIFICULDADES NA INSTALAÇÃO E OPERAÇÃO DA POSIÇÃO DEFENSIVA

A configuração física do terreno ocupado apresentou dificuldades, superadas em verdade, à instalação e operação da posição defensiva do GT, em particular para as peças de artilharia, o que lhes obrigaria a execução do tiro vertical. A extensa rede de energia elétrica, de alta tensão, que permeava todo o vale fazia sentir sua influência sobre a aparelhagem de regulação do tiro. A precariedade de meios de comunicação próprios para a região iriam dificultar sobre modo as ligações com os elementos da retaguarda. As comunicações da linha de frente com a retaguarda se efetivaram apenas com o deslocamento de viaturas. Como não deveríamos impedir totalmente o fluxo de viaturas civis que demandavam a São Paulo, bloqueei apenas meia pista, valendo-me das máquinas de terraplanagem da firma Camargo Correa, em depósito próximo à posição.

As informações sobre o deslocamento das tropas oriundas do Rio, a seguir me eram fornecidas pelas viaturas civis que provinham do Rio. Muitas viaturas que na posição avançada chegavam, após um diálogo, voltavam até o belvedere Viúva Graça, ponto turístico à retaguarda da posição oponente, para trazerem informações mais precisas. A voluntariedade e o desejo de colaborar em informações se fazia sentir de forma efetiva pelo elemento civil.

PROCLAMAÇÃO DO COMANDO DA ACADEMIA À ESCOLA NAVAL E DE AERONÁUTICA

Proclamação dirigida, principalmente, aos colegas da Escola Naval e de Aeronáutica.

Irmãos das Forças Armadas:

Os Cadetes da Academia Militar de Agulhas Negras, ao deixarem os bancos escolares onde, com dedicação e desprendimento, preparam-se com sacrifícios diuturnos para a preservação dos valores fundamentais da Sociedade Nacional, o fazem com o legítimo orgulho de poder contribuir, embora no início de sua vida militar, com sua parcela de desassombado patriotismo e inexcusável altruísmo para a permanência de nossa querida Nação em seus invejáveis desígnios históricos.

Neste momento, dirigem a todos os integrantes das Forças Armadas, e de modo especial e fraterno, aos seus colegas da Escola Naval e da de Aeronáutica, um patético apelo para que ombreiem consigo neste momento histórico que o povo brasileiro vive, em busca de tranquilidade na Ordem e da Justiça, valores inalienáveis de uma sociedade organicamente estruturada.

Em troca desta inestimável solidariedade, os Cadetes de Caxias oferecem toda a pujança de seu brio de jovens idealistas e toda a determinação de se esforçarem, até além da medida de suas forças, para a manutenção dos princípios religiosos, morais e culturais que sempre constituíram traços inconfundíveis da civilização pátria e apanágio glorioso de nossos antepassados.

Que se mesclém os símbolos da Pátria ao pulsar de nossos ardentes corações para que em breve possamos perceber os acordes maviosos da paz, da união e do respeito a

tudo quanto aprendemos a honrar e glorificar, tornando-nos aptos a, juntos, proclamarmos a vitória do Brasil.

ACOLHIMENTO DA BATERIA Oponente QUE PASSA AO NOSSO LADO

Cerca de 1300 horas de 01 de abril, encontrando-me à frente da posição, notamos o deslocamento de uma viatura militar em direção à posição, em alta velocidade. A dificuldade inicial de identificar sua intenção deixou-me na dúvida de comandar a abertura de fogo.

Porém, em um instante, a percepção de um pano branco acenando deu-me a premonição de que poderia ser elemento em missão de paz. E de fato o era. Tratava-se do Cap Willy Seixas, acenando com sua camiseta branca de educação física, conduzindo uma bateria do Grupo Escola de Artilharia que fez ultrapassar a posição das linhas oponentes e passava para o lado da Academia. Ao recebê-lo, visivelmente agitado, na posição declarou-me da necessidade de seu pronto acolhimento uma vez que os sargentos das peças estavam presos na boléia das viaturas.

Acolhida na posição a bateria, indiquei ao Cap Willy Seixas o caminho para a Academia, pela dificuldade de conservar os elementos presos na posição defensiva.

Tendo chegado à posição o Cap Adyr Correa da Cunha, encarreguei-o de conduzir a bateria e seus elementos à Academia, onde ficou alojada no estádio Mark Clark.

É de se ressaltar que a dificuldade inicial de identificação na linha de frente quando da aproximação das viaturas da bateria e o não comandamento de abertura de fogo, vai repetir-se com a posição da Infantaria, à minha retaguarda, pela falta de eficientes meios de comunicação em nossas posições iniciais.

Tão logo a bateria foi acolhida, em nossa posição surge uma viatura isolada conduzindo um sargento do Grupamento de Unidades Escola portando uma mensagem escrita para ser entregue ao comandante da bateria. A mensagem por mim recebida era de autoria do E2 do Grupamento Escola e determinava que a bateria retornasse imediatamente à sua origem.

Após a leitura, encarando o sargento portador da mensagem, assim me referi: “Sargento, você tem um minuto para fazer meia volta, retornar e dizer ao seu chefe que venha buscar a bateria”.

Ao relatar o fato ao Cel Moacyr Barcellos Potyguara, que havia chegado à frente, este pediu-me para guardar consigo a mensagem escrita.

CHEGADA À POSIÇÃO DO Gen ÂNCORA, PARA CONFERENCIAR COM O Gen KRUEL

Às primeiras horas da tarde do dia 01 de abril fui alertado que passaria pela minha posição o Gen Âncora, Comandante do I Exército, então nas funções de Ministro do Exército, no impedimento de seu titular, para um encontro na Academia com o General Amaury Krueel, Comandante do II Exército.

Ao se aproximar da posição a viatura parou e identifiquei no seu interior o Gen Âncora e o seu Chefe de Gabinete o Gen Enio da Cunha Garcia. O Gen Enio abriu a janela do seu lado e, encarando-me, assim se expressou: “Ué, você por aqui?”. Ato contínuo, em

poucas palavras, respondi-lhe com firmeza: “General, o Senhor conhece o caminho para a Academia, portanto não vou mandar acompanhá-lo, passe”.

Soube, a posteriori que, na Academia, o Gen Âncora já era esperado pelo Gen Kruel e que, no diálogo, este guardara superioridade em razão da pronta movimentação e chegada de suas forças à região. Após o encontro, o Cel Obino Lacerda Álvares, do Estado-Maior da Academia, foi à frente da posição e informou da trégua acordada entre os Chefes em Operações. Acertado ficou que as duas forças em litígio manteriam suas posições sem dar um só passo mais à frente, e não disparariam um só tiro. Acertado, também, que as tropas da Academia seriam substituídas em suas posições pelas tropas oriundas de São Paulo, que já teriam alcançado as construções da futura pousada Fernão Dias, na região de fábricas (saída de Resende).

Caiu a tarde, começando a escurecer, e não fomos substituídos, pela alegação de dificuldades de substituição à noite. Permanecemos em posição até a manhã do dia seguinte, 02 de abril.

FATOS MARCANTES DA SITUAÇÃO DEFENSIVA

Às 0200 horas de 02 de abril, em uma ronda pelas posições, encontrei numa delas - sobre a ponte transversa do Rio Paraíba, à frente da posição - o Cadete Luiz Cesário da Silveira que, inquirido da situação, assim respondeu, com suas mãos empunhando a Metralhadora Browning .45: “por aqui ninguém passa Capitão”.

A superioridade da força oponente não era considerada e não intimidava a ninguém.

Pela manhã do mesmo dia, quando saímos de posição para sermos substituídos pelas tropas de São Paulo, notava-se a fisionomia dos substituídos, visivelmente empalidecida, barba muito crescida e uniformes rasgados pela ação da vegetação (unha de gato) - era o estresse causado por uma noite em posição, sem dormir e a tensão de um possível combate.

Importa ressaltar que no cumprimento da missão recebida e desempenhada pelo Curso de Cavalaria são dignos de registro a coragem, a disciplina militar, sem que tenha ocorrido um só deslize, o desprezo ao perigo e o entusiasmo no cumprimento da importante missão.

RETORNO À ACADEMIA

Substituídos na posição em 02 de abril, pela manhã, pelas tropas do 5º RI, após o café servido no corte da estrada Rio-São Paulo, preparamos o regresso à Academia.

Em lá chegando a tropa foi inspecionada no largo fronteiro ao Portão Monumental da Academia pelo seu Comandante, Gen Médici. Após a inspeção, a tropa desfilou entre alas de familiares e funcionários civis desde o portão de entrada da Academia até o saguão principal, sob uma comovida recepção e de seus aplausos. Encerrava-se a participação de uma tropa de Cadetes em operações no Vale do Paraíba com uma formatura no Pátio Ten Moura e a leitura da Ordem do Dia do Comandante da Academia, onde se destaca:

“Após 29 anos de alheamento, a Academia Militar voltou a empenhar-se ostensivamente na luta pelo aprimoramento de nossas instituições e pela tranqüilidade de

nosso país. Vós o fizestes com pleno sucesso e com admirável galhardia. Que, por isso, a História Pátria lhes reserva uma página consagradora, fazendo-os ingressar no rol daqueles que, despidos de qualquer ambição ou interesse subalterno, um dia se dispuseram a lutar pelo país que nossos descendentes hão de receber engrandecido e respeitado. ***Cadetes: pela história, atingis os umbrais da glória***”.

POSFÁCIO

O cumprimento da missão imposta ao Grupamento Tático envolveu para sua Vanguarda, também a missão de Reconhecimento — com vistas à localização e retardamento das forças oponentes.

Importa redizer que a missão de reconhecimento exige do executante: audácia, coragem, desprezo ao perigo, vivacidade, rapidez e oportunidade da informação. O reconhecimento levado a efeito pela Vanguarda para localizar a tropa que do Rio demandava São Paulo, ao longo do Vale do Rio Paraíba, proporcionou aos Cadetes integrantes da Vanguarda, o cumprimento, em uma situação real, da específica e importante missão da Arma de Cavalaria — Reconhecer e Informar.

Nota

O IHTRGS, através desta publicação, homenageia a nossa preciosa escola de formação, a Academia Militar das Agulhas Negras, bem como o seu comandante da época, um dos mais exemplares generais do nosso exército, além de um dos melhores presidentes que este país já teve, o insigne Gen EMÍLIO GARRASTAZÚ MÉDICI. Homenageia, ainda, e agradece, ao prezado Cel Walter Kluge Guimarães, que é o autor do livreto do qual se originou esta publicação.

A AHIMTB e o IHTRGS estão certos de que este trabalho é extremamente oportuno na atual quadra que vive o nosso país.

*Luiz Ernani Caminha Giorgis - Cel Inf EM
Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS*